

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

MARIANA CRISTINA PINTO MARINO

**O ELEMENTO ESSENCIAL ÁGUA
N' OS *DESLIMITES DA PALAVRA*, DE MANOEL DE BARROS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

MARIANA CRISTINA PINTO MARINO

O ELEMENTO ESSENCIAL ÁGUA
N' OS DESLIMITES DA PALAVRA, DE MANOEL DE BARROS

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão – DACEX – e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas – DALEM – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Poletto

CURITIBA

2013

Dedico esta obra desimportante aos meus pais,

Ana Paula e Renato, *responsáveis por encherem meu coração de amor, fantasia e poesia.*

Aos meus **amigos**

por me mostrarem as tantas faces que o amor pode ter.

Ao meu avô **Leleu**,

o primeiro a me contar estórias em absurdez sobre um besouro que morava dentro de seu umbigo.

Agradeço à efusão de minha mãe e ao silêncio de meu pai. Esses traços me reinventam diariamente.

Agradeço à minha tia **Maria Odete**, que me mostrou o primeiro poema da minha vida. Era do Thiago de Mello. Me encantei. À minha tia **Margarete**, por ter me apresentado Manoel de Barros ao me presentear com o livro *Matéria de Poesia*.

Agradeço ao mestre **Juarez Poletto**, responsável por me fazer gostar ainda mais de poesia e por me acompanhar nesse caminho de pedras e água, de trabalho e prazer.

Agradeço à minha mãe de coração **Regina Urias Cabreira** por todo o apoio, dedicação, carinho e empréstimos de livros essenciais à construção desse trabalho.

Gratidão aos meus **amigos** que compartilharam comigo dessa trajetória. Um abraço especial ao **Jeferson**, meu amigo que me acompanha há muitas vidas; ao **Juliano**, por pensar tão parecido a mim e por acalantar minhas emoções mais extravagantes e ao **Thiago**, por ter me presenteado com a *Obra Completa* de Manoel de Barros.

Um abraço forte à professora **Andréia Rutiquewiski**, responsável pelas matérias de TCC 1 e 2, pois sempre tem um sorriso de paz para conter as nossas impaciências.

À ilustradora **Sandra Jávera**, que gentilmente cedeu os lindos desenhos que compõem esse trabalho.

Aos guardiões do meu coração, **Ricardo Manrique** e **Elaine Cardin**, minha eterna gratidão.

Ao poeta **Manoel de Barros**, que me fez reconhecer meus bestamentos e minha absurdez, vai aqui um afago de minha alma.

*Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens...
poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens.*

Manoel de Barros

*O homem está no menino, só que ele não sabe.
O menino está no homem, só que ele esqueceu.*

Ziraldo

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

Manoel de Barros

Tudo o que o coração deseja pode sempre reduzir-se à figura da água.

Paul Claudel

RESUMO

MARINO, Mariana Cristina Pinto. *O elemento essencial água n'Os deslimites da palavra, de Manoel de Barros*. 2013. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

O presente trabalho projeta o estudo da obra *O Livro das Ignorâncias* (2010), de Manoel de Barros, mais especificamente a segunda parte, “Os Deslimites da Palavra.” Desenvolvemos uma abordagem sobre o tema da água, temática muito recorrente na obra do poeta cuiabano, porém ainda não estudada. Para tanto, fundamentamos a pesquisa na obra *A água e os Sonhos* (2002), do filósofo francês Gaston Bachelard. Os resultados permitem perceber o desenvolvimento da relação entre a água e a trajetória da personagem Apuleio e a interação da água com as sensações, percepções e sonhos articuladas pelo náufrago.

Palavras-chave: Poesia Brasileira. Manoel de Barros. Deslimites da Palavra. Água.

ABSTRACT

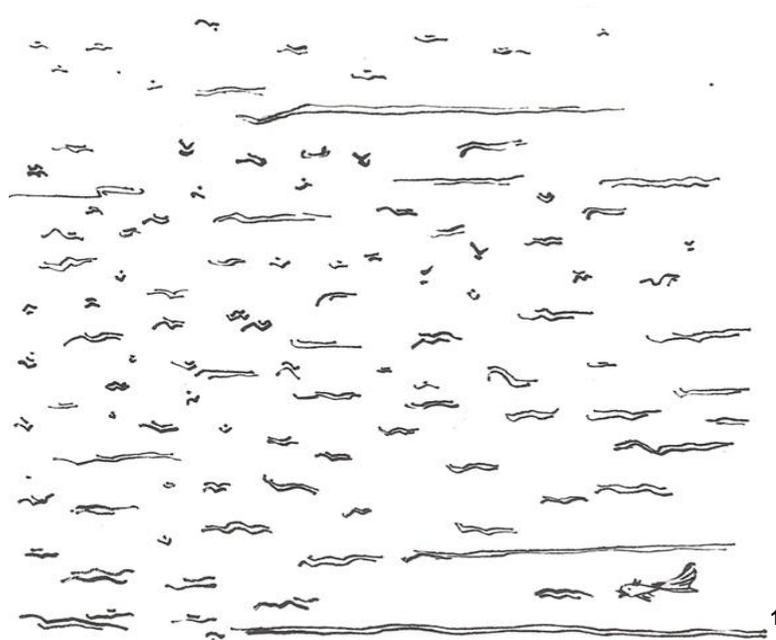
MARINO, Mariana Cristina Pinto. *The essential element water in Os Deslimites da palavra by Manoel de Barros*. 2013. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This present work investigates the book *O Livro das Ignorâncias* (2010), by Manoel de Barros, more specifically its second part, “Os Deslimites da Palavra”. Our aim is to develop an approach focusing on the water as an element, also a regular motif within the works of this Brazilian poet, although not yet studied. Hence, the research is based on the work *A água e os Sonhos* (2002), by the French philosopher Gaston Bachelard. The preliminary results are the development of the relation between the water and the pathway of the character Apuleio and the connection of the water with the sensations, perceptions and some articulated dreams due to his castaway.

Key-words: Brazilian Poetry. Manoel de Barros. Deslimites da Palavra. Water.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A POESIA.....	11
1.1.1 A Água.....	12
1.1.1.1 Os Deslimites da Palavra	15
2 BREVE HISTÓRIA DO SÍMBOLO MODERNO	20
3. A IMAGINAÇÃO MATERIAL DA ÁGUA	23
3.1 O DEVANEIO COMO INSTRUMENTO DE CRIAÇÃO.....	26
4 O MERGULHO AO INCONSCIENTE: DAS ÁGUAS CLARAS Á SUPREMACIA DA ÁGUA DOCE	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO	43

CONVITE**HORIZONTE**

**Se eu apagasse a fina linha
do horizonte
será que o céu cairia
no mar?**

**E as estrelas e a lua
começariam a navegar?**

**Ou será que o mar viraria
céu
e os peixes aprenderiam
a voar?**

Roseana Murray

¹ Todas as ilustrações presentes neste trabalho são de autoria de Sandra Jávera.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A POESIA

Poesia, s.f
 (...)
 Designa também a armação de objetos lúdicos com emprego de palavras imagens cores sons etc. geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados .

Manoel de Barros

Os estudos relacionados à poesia permeiam as mais variadas temáticas e universos. Como exemplo disso, é possível observarmos uma série de poemas que descrevem a rosa, como faz Cecília Meirelles, e outro que discorre sobre a Segunda Guerra Mundial, como em *O Poema de Moscou*, de Carlos Drummond. O café é o tema principal de um dos poemas de Cassiano Ricardo, enquanto temos *Um Anjo Bento* como mote em uma das produções de Gregório de Matos. Há também poemas que abordam o amor como em Camões, e há outros como *Poema Brasileiro*, de Ferreira Gullar, engajados e políticos. Também podemos observar essa variedade temática na poesia do autor aqui analisado, Manoel de Barros, que ora discorre sobre a revolução tecnológica, ora sobre a simplicidade dos passarinhos.

Dentro do gênero lírico, é possível destacarmos a sua variedade ora pela sutileza de detalhes que nos proporciona uma reflexão profunda, seja ela filosófica ou psicanalítica, ora por romper com os parâmetros verossímeis. O haicai exemplifica o atributo da sutileza na poesia, pois, apesar de sua estrutura simples, condensa em 17 sílabas poéticas detalhes que nos permitem desenvolver reflexões.

A verossimilhança, apesar de estar presente na tradição poética, é um traço em processo de quebra e transformação. A poesia (principalmente a contemporânea) não tem a necessidade de assumir um compromisso com a realidade. Alguns exemplos são *Lobisomem*, de Décio Pignatari, *As Sereias*, de Roseana Murray, *Cantam Pássaros Exóticos no teu Púbis*, de Mário de Andrade, *Namorados*, de Manuel Bandeira, o singelo poema de Mário

Quintana, *Poeminha do Contra e Oferta*, de Oswald de Andrade.

O presente trabalho projeta o estudo de “Os Deslimites da Palavra”, pois a construção poética de Manoel de Barros, o eterno menino de 96 anos, apresenta variação temática, os traços de sutileza de detalhes, reflexão e inverossimilhança externa, todos apenas referenciados. Em *O Livro das Ignorâncias*, o autor cuiabano coloca que “desaprender oito horas por dia ensina os princípios”, “formigas-carregadeiras entram em casa de bunda”, que “rede era vasilha de dormir” e também “pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?”. O livro publicado em 1993 sugere desacostumar as palavras e dar novo sentido e utilidade às coisas do cotidiano.

1.1.1 A Água

A água, um dos quatro elementos essenciais, é indispensável na preservação da vida. Somos seres humanos compostos por setenta por cento desse líquido essencial, porém as células embrionárias podem alcançar até o dobro da quantidade de água em relação a qualquer outra célula de um organismo adulto. Esse elemento essencial, a água, é de importância ímpar no que se refere à filosofia, à ciência, à religião, à mitologia, à literatura e à música. Tales de Mileto, filósofo pré-socrático, foi o primeiro a instituir a ideia de que a vida está intrinsecamente ligada à água e a propor um ciclo relacionado a ela. Na ciência, é sabido que a origem do mundo passou por inúmeras transformações climáticas e, segundo os estudos do químico biólogo Stanley Miller, a primeira forma de vida, um único aminoácido, foi formado em um ambiente aquoso, o chamado oceano primitivo. Em relação à religião, alguns momentos bíblicos podem ser relacionados de maneira direta com a água: O dilúvio, que permitiu a Noé construir sua arca e salvar um casal de animais de cada espécie, e o grande acontecimento do Êxodo hebraico, permitindo ao escolhido, Moisés, fazer a travessia com o povo pelo Mar Vermelho para alcançar a libertação da escravidão egípcia, entre outros episódios. Na mitologia, há a presença de entidades marinhas como as sereias, os tritões e a Medusa, assim como a divindade de Poseidon e o próprio nascimento de Afrodite.

Na Literatura são conhecidas as narrativas de conquista de novos territórios com as grandes navegações e o anseio do homem por explorar as águas misteriosas e temerosas do mar. *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, tornou-se um exemplo claro em relação à importância da água na construção da epopeia, pois, apesar do medo, da incerteza em relação ao espaço desconhecido, os homens ainda assim enfrentaram suas limitações e lançaram-se ao mar. Podemos nos remeter a um passado ainda mais distante e adentrarmos na narrativa da *Ilíada*, de Homero, em que grande parte de seu desenvolvimento, vinculado à Guerra de Tróia, deu-se no litoral e na exploração marítima. Em a *Odisséia*, Homero retrata a volta de Ulisses (ou Odisseu, para os gregos) e parte dos homens que lutaram na Guerra de Tróia para casa. No entanto, no meio do caminho, Odisseu e sua tripulação despertaram a ira de algumas entidades marinhas. A começar por cegar o filho de Poseidon, o ciclope Polifemo e depois, por despertar a ira da deusa Calipso em terra, Odisseu é amaldiçoado por Poseidon e faz com que a espera por reencontrar a mulher Penélope e o filho Telêmaco em Ítaca dure dez anos. Uma aventura em águas desconhecidas que, segundo a lenda, levou Ulisses até a costa ocidental da Europa, onde hoje é Portugal, e ali fundou Ulissepona (cidade de Ulisses), hoje Lisboa. Temos também a história de Ofélia, personagem criada por William Shakespeare em *Hamlet*, que se suicida no rio Avon. Na mitologia grega, Narciso era um herói conhecido por seu orgulho e principalmente por sua beleza. Por julgar que nenhuma donzela era merecedora do seu amor, acabou por desprezar a ninfa Eco e despertar a ira de Nêmesis, a deusa da vingança, que conduziu Narciso até uma linda fonte. Nela, ele se debruçou para banhar-se após a caça e apaixonou-se pela sua própria imagem, contemplada por ele durante dias, fazendo-o definhar até a morte, pois se esquecera de alimentar-se.

Já na Literatura Brasileira, a água foi especialmente marcada pela questão sertaneja. Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e em outras obras que abordam a questão da migração do Nordeste para o Sudeste e Sul do país, a escassez da água apresenta-se como fator determinante para o desenrolar da trajetória das personagens. Em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, o rio marca a trajetória de Carlinhos, quando um dia a cheia assola Santa Rosa e mata muitas pessoas e animais. Já em *Mar Morto*, de

Jorge Amado, a narrativa se passa num cais baiano e conta a história de pescadores, seus amores e medos.

Na música, temos marcantes composições como a de Guilherme Arantes: *Terra, Planeta Água*, ou *Águas de Março*, de Tom Jobim, e as inúmeras canções que marcam a trajetória de Dorival Caymmi, que coloca a água como temática central da sua composição. As composições musicais *A Jangada voltou só*, *O Mar*, *Pescaria* e *Canção da Partida* são apenas alguns exemplares de uma obra extensa voltada à água doce e à água salgada.

Isto posto, é sobre a perspectiva da importância universal da água que iremos analisá-la em outro universo: o da poesia do poeta pantaneiro, Manoel de Barros², especificamente na segunda parte do *Livro das Ignorâncias* (2010), cujo título é “Os Deslimites da Palavra”. Além de analisarmos a relação da água com o conjunto de poemas presentes no corpus, estabeleceremos relações entre a importância desse elemento no desenrolar da trajetória da personagem Apuleio³. Pretendemos também promover um aprofundamento da temática da água em relação à construção poética do autor em questão e da obra escolhida. Vamos relacionar “Os Deslimites da Palavra” com proposições do autor Gaston Bachelard, a fim de mergulhar na temática da água como elemento essencial e como originária de sentidos e sensações. Buscaremos a origem do nome Apuleio e averiguaremos suas relações e significações na obra de Manoel de Barros, além de estudar a trajetória do personagem em “Os Deslimites da palavra”.

Tendo em vista a imagem do Pantanal enquanto cenário recorrente na obra e em particular na vida do autor Manoel de Barros, partimos do

² Sobre o autor Manoel de Barros é interessante conhecermos a sua importância para o âmbito literário atual. Sua biografia nos direciona em relação a esse prestígio acadêmico no mundo das letras e da poesia. Nascido em Cuiabá em 1916, Manoel de Barros tem sua essência cravada na terra – e posteriormente, na água. Filho de pais fazendeiros, o poeta vem estreitando suas relações com o Pantanal desde o momento em que fez a mudança para o rancho comprado pelo pai. Segundo o autor, na época do rancho “o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhão das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno”.

³ Apuleio é o nome da personagem presente em “Os Deslimites da Palavra”, a qual iremos analisar pela perspectiva da água. Utilizaremos ao longo desse trabalho a expressão *eu-lírico* (concernente ao gênero lírico) e *personagem* (relacionado ao gênero narrativo) para designar canoieiro Apuleio. Ambas são críveis para estabelecer relações sobre o naufrago, pois apesar do gênero presente em “Os Deslimites da Palavra”, ser lírico, podem se observar traços narrativos evidentes, pois Apuleio cumpre uma trajetória que se iguala à narrativa.

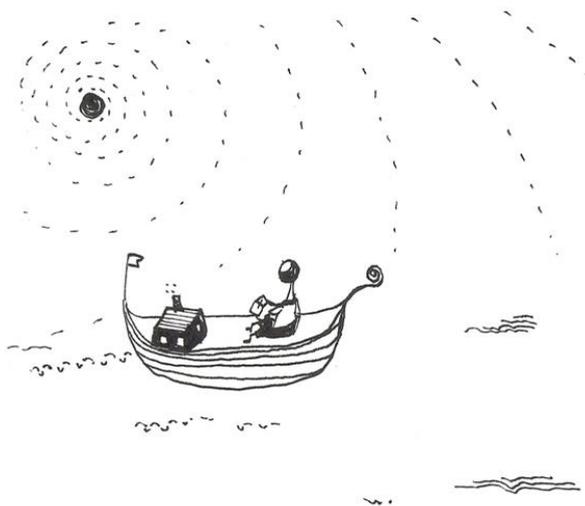
pressuposto, para a construção desta reflexão, de que a água permeia inevitavelmente o universo manoelino, portanto a sua importância reside no cotidiano do escritor e se manifesta em sua criação poética. Estudar o motivo 'água' em Manoel de Barros torna-se importante, pois, segundo averiguação feita até o presente momento, ainda é inédito e poderia servir de motivação, de ponto de partida para futuros estudos literários acerca do autor e de sua obra.

O Capítulo *Os Deslimes da Palavra* é a segunda parte do “Livro das Ignorâncias”, publicado originalmente em 1993. A primeira parte é chamada de “Uma didática da invenção”, com 21 textos, e a última é “Mundo pequeno”, com 14 textos, “alguns dos quais centrados numa espécie de autobiografia poética”, segundo afirma o autor Juarez Poletto, o qual estudou o “Livro das Ignorâncias” em “O Dilema Poético de Manoel de Barros”. A primeira parte abarca a *Teoria da Dissignificação*, em que o eu-lírico se liberta da significação das coisas e assume um caráter mais artístico, baseando-se nos movimentos Dadaísta, Futurista, Expressionista e Surrealismo. Na segunda parte que abordaremos nesse trabalho, Poletto a designa como *Roteiro de Trajeto*, já que o poema é aproximado ao gênero narrativo. Na terceira parte *Mundo Pequeno*, Juarez Poletto descreve a construção poética de Manoel de Barros, que lida e aborda questões simples do mundo, que acabam remetendo um pouco à experiência do próprio autor Pantaneiro, que sempre esteve próximo às coisas do chão, às árvores, à natureza, aos passarinhos.

1.1.1.1 Os Deslimites da Palavra

Na enchente de 22 a maior de todas as enchentes do Pantanal, canoeiro Apuleio vogou 3 dias e 3 noites por cima das águas, sem comer sem dormir - e teve um delírio frásico.

Manoel de Barros



A segunda parte do *Livro das Ignorâncias*, “Os Deslimites da Palavra”, sobre a qual estamos nos debruçando para a análise, inicia-se com uma espécie de prólogo do eu-lírico. Essa introdução recebe o nome de “Explicação Desnecessária” e assume o papel de direcionar o leitor ao ambiente em que a personagem *Apuleio* se encontra: o Pantanal. Também obtemos informações prévias sobre a trajetória da personagem e o motivo pelo qual Apuleio perdeu-se em sua canoa por três dias e três noites. Atribui-se esse desencontro com a margem, à grande enchente de 1922, que elevou significativamente o nível das águas não só da Bacia Amazônica, onde encontramos mais ocorrências, mas igualmente no Pantanal Matogrossense. A região em que a história ocorre é a *Nhecolândia*, que é tanto um distrito do município de Corumbá, como uma das oito sub-regiões do Complexo do Pantanal e um ótimo local para a prática da canoagem. O nome *Nhecolândia* deriva do proprietário de uma das primeiras fazendas da região, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, vulgo *Nheco*.

No prólogo da “Explicação Desnecessária”, além da localização geográfica definida, também é possível conhecer a origem dos versos descritos na segunda parte do *Livro das Ignorâncias*. Segundo o eu-lírico, a história do canoero Apuleio foi encontrada num “pequeno Caderno de Armazém”, após remexer papéis na Biblioteca do Centro de Criadores da Nheolândia, em Corumbá. O narrador diz que se depara com aproximadamente 200 frases soltas que descrevem a trajetória do naufrago, e passa anos “penteando e desarrumando as frases” (BARROS, 2010, p. 305), após observar que ao fim dessa aventura, o canoero tenha voado “fora da asa” (BARROS, 2010, p. 305).

A trajetória de Apuleio se inicia no primeiro dia da cheia, causada por chuvas que “molharam meus pejos/ meus apetrechos de dormir/ meu vasilhame de comer.” (BARROS, 2010, p. 305 e 306). O primeiro dia da viagem de Apuleio pelas águas do Pantanal é cheio de observações, tanto do mundo externo como do mundo interno (sua canoa e a si próprio). A jornada sobre as águas mostra-se a cada verso mais voltada para si, seu mundo interior e para sua condição como ser humano, e esse convite à interioridade não se faz no plano do consciente, mas ao inconsciente e é proporcionado pela presença marcante da água (veremos isso posteriormente na análise simbólica do elemento). As descobertas a respeito de si são acompanhadas, todo o tempo, por figuras pertencentes ao Pantanal como o vento, as andorinhas, os peixes, como os bagres, os jacintos, besouros, grilo, formiga, violetas, borboletas, cágados, açucena, jaburus, sabiá. Esses animais e plantas também acabam assumindo forma de companhia ao canoero, que ao adentrar ao segundo dia, já começa a demonstrar traços de perda da realidade e mergulha num processo relacionado à morte: desde a introdução do tema, passando pelo medo, pela negação, até chegar à aceitação do seu destino.

É interessante notar que a desconstrução da linguagem nos poemas parece acompanhar a quebra do pensamento linear de Apuleio, mergulhado a cada dia da trajetória mais profundamente em seu inconsciente. Veremos, em breve, como a água permite essa viagem para dentro de si, e como a

transformação da *imaginação formal* em *imaginação material*⁴ se mostram essenciais para a compreensão do poema.

No capítulo 2 “Breve Estudo do Símbolo Moderno”, discorreremos um pouco sobre a origem do símbolo, seus significados e sua ampliação no conceito do psicólogo Carl G. Jung. Em se tratando da análise da água, utilizaremos a obra *O Sagrado e o Profano* (1992) de Mircea Eliade. O autor propõe demonstrar a sacralidade do mundo e da natureza e analisa elementos simbólicos como o céu, a água, a terra, a mulher, a árvore, a lua, o sol, entre outros, como símbolos primordiais no estudo sacro. Para o autor, a simbologia da água é muito expressiva por resgatar o mito da Criação. Esse elemento essencial está ligado à morte, ao nascimento, à purificação, além de estar presente em rituais como o batismo e outros banhos que desenvolvem a fertilidade e promovem a saúde, além de ter, no consciente popular, a ideia de “lavar os pecados”. O Dicionário de Símbolos de Cirlot também nos guia de maneira eficaz à nossa análise em relação à água no capítulo “Os Deslimites da Palavra”.

A partir do capítulo 3, fundamentaremos nosso estudo em *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*, Bachelard (2002) que nos oferece reflexões acerca de como desvendar a projeção da água dentro da Literatura. Seus estudos são visivelmente voltados à poesia, aí a água assume papel ora psíquico ora imaginativo.

Em relação ao personagem Apuleio, a origem de seu nome vem do autor romano Lucius Apuleius, que desenvolve a narrativa *O Asno de Ouro*, no século II d.C. Essa história fantástica nos faz conhecer Apuleio, homem curioso e apaixonado por magia que vive uma grande aventura quando é transformado em um asno. Vivendo como asno, aprenderá como é viver como homem. É interessante notarmos que o capítulo mais conhecido dessa trajetória em que, posteriormente, autores como Boccaccio e Cervantes se inspirariam, é denominado Psique, personagem mitológica entendida por ser a personificação da alma. Em “Os Deslimites da Palavra”, Apuleio, seu nome de “sacramento”, tem um vulgo, denominado Seo Adjunto, por ter atuado anos no serviço militar.

⁴*Imaginação Formal e Imaginação Material* são pressupostos teóricos propostos pelo filósofo Gaston Bachelard. Iremos estudar esses termos com mais profundidade no capítulo destinado a análise do poema em articulação com a sua obra *A Água e os Sonhos* (2002).

Dá-se a entender aqui, que o nome de batismo é subjugado, mas que a personagem o retoma quando se vê perdido no Pantanal, e que, apesar de não ter “proporções para Apuleios” e dizer “que seu asno não é de ouro”, “Ninguém que tenha natureza de pessoa pode esconder as suas natências.” (BARROS, 2010, p. 306). Dessa forma, a relação da água que direciona ao devaneio, também o faz retomar a sua essência de origem, num exercício de resignificar-se.

2 BREVE HISTÓRIA DO SÍMBOLO MODERNO

*Símbolos? Estou farto de símbolos...
Mas dizem-me que tudo é símbolo,
(...)
Mas quem repara no sol senão quando a
chuva cessa,
E ele rompe as nuvens e aponta para trás das
costas,
Para o azul do céu?*

Álvaro de Campos

Segundo a definição proposta por Carl G. Jung, o símbolo pode ser um “nome, um conceito ou até mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida e oculta para nós” (JUNG, 2008,p.18).

Para Mircea Eliade na obra *Imagens e Símbolos (2002)*, o ressurgimento do léxico *mito*, *símbolo* e *imagem* foi retomado com a ascensão dos estudos sobre Psicologia ao final do século XIX e início do XX. Outros fatores também proporcionaram a volta aos estudos do simbólico como instrumento de conhecimento, até então, perdidos na Europa do século XVIII: os estudos sobre o surrealismo e a volta da ideia da obscuridade; o retorno do interesse religioso após a Primeira Grande Guerra Mundial e a sobrelevação do cientificismo na filosofia. Neste trabalho, aprofundar-nos-emos nos estudos sobre o símbolo pelo viés da *psicologia analítica ou jungiana*. A Psicologia Analítica é um ramo da Psicologia e foi iniciada pelo psicólogo suíço Carl Gustav Jung. Ela se diferencia da Psicanálise, proposta por Freud, por uma ampliação em alguns conceitos como o da libido (diferente do psicanalista austríaco, Jung considera a libido como energia psíquica, mas não somente de cunho sexual) e pela concepção de novos conceitos como o do inconsciente coletivo “isto é, a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade. Esses símbolos são tão antigos e tão pouco familiares ao homem moderno que ele não é capaz de compreendê-los ou assimilá-los diretamente” (HENDERSON, 2008, p.138). Também temos os conceitos de

sincronicidade (coincidência significativa)⁵, individuação (integração entre consciente e inconsciente)⁶ e uma nova proposta de divisão da *psique*. Seu desenvolvimento deu-se a partir dos estudos de Freud, das experiências psiquiátricas de Jung e por seu vasto conhecimento sobre mitologia, história das religiões e alquimia.

É interessante conhecermos um pouco mais sobre a teoria proposta por Jung e como a divisão e subdivisão da *psique* foram articuladas por ele. Temos, então, a estrutura do aparelho Psíquico dividida em três partes: o Consciente, o Inconsciente Pessoal e o Inconsciente Coletivo. No consciente, temos o núcleo chamado Ego (ou eu), responsável por manter contato com o mundo interior e externo. O Inconsciente pessoal é considerado a camada mais superficial do inconsciente, responsável pelas lembranças, sonhos, fantasias e conteúdos relacionados à experiência do indivíduo. O Inconsciente Coletivo é a camada mais profunda do inconsciente, constituída por *arquétipos*, como melhor elucidado por Ramos:

Jung faz a distinção entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal surge a posteriori ao nascimento como resultado das experiências de vida do indivíduo (assemelha-se às noções de pré-consciente e inconsciente da Psicanálise). O inconsciente coletivo surge a priori ao nascimento. É herdado de forma psicológica e biológica, nasce com a criança. É, portanto, um material inato da psique. É formado pelos arquétipos, núcleos instintivos, passados de geração a geração (psíquica e biologicamente). - Para Jung o inconsciente (pessoal e coletivo) interfere no comportamento não só no sentido de empenho da satisfação do prazer sexual, mas, também, através de mecanismos de sobrevivência, de procura de satisfação afetiva e social, de desenvolvimento pessoal, de busca do conhecimento de si mesmo. (RAMOS, 2012, p. 114.).

Em relação aos arquétipos, Jung afirma existirem muitos deles, mas pontua cinco: A *Persona*, a *Sombra*, a *Anima*, o *Animus* e o *Self*. A *Persona*,

⁵A Sincronicidade é um processo que ocorre na camada mais profunda do inconsciente, a *Psicóide*, e está relacionado com as coincidências que ocorrem sem terem uma explicação objetiva ou científica. Essas coincidências possuem um significado psicológico e permitem ao indivíduo sentir-se integrado a um universo, estar em contato com Deus.

⁶ O processo de Individuação proposto por Jung consiste em integrar o consciente a alguns arquétipos, a partir do cumprimento de algumas etapas. Esse processo torna-se difícil porque é necessário o enfrentamento de si, que envolve problemas e traumas. A vivência do self reestabelece o sagrado na vida do indivíduo, assim como a integração com si mesmo, com os outros e com a natureza divina.

também conhecida como máscara, não corresponde à nossa personalidade: é o arquétipo responsável pela construção de papéis sociais. Ele é positivo no sentido de permitir ao indivíduo uma adaptação no meio social em que ele está inserido. A *Máscara* torna-se negativa quando o indivíduo se identifica com o papel social ditado e não reconhece fatores reais de sua personalidade. A *Sombra* é responsável pela projeção que fazemos em outros indivíduos. O reconhecimento de valores positivos em outras pessoas indica que esses valores também são nossos, assim como os defeitos que reparamos nos outros, que acabam sendo nossos também. Já a *Anima* é a realização da natureza feminina no homem. Para Jung, o consciente do homem tem caráter masculino e racional, mas seu inconsciente é feminino e emotivo. O reconhecimento do sua *Anima* proporciona ao homem lidar melhor com as suas emoções e as relações pessoais em geral também sofrem uma melhora. Assim como no homem, a mulher também tem sua realização de natureza masculina, o *Animus*. Assim, o consciente feminino assume caráter emotivo, mas seu inconsciente é masculino e racional. Assim como no caso do homem, o reconhecimento da mulher em relação ao seu lado racional faz com que ela lide melhor com suas reflexões e suas relações interpessoais sofrem uma melhora. O *Self* (ou si mesmo) é um arquétipo que busca o autoconhecimento, a integração e a vivência espiritual. O *Self* representa uma totalidade psíquica, um elo entre o homem e Deus. Quando esse arquétipo não é integrado de forma consciente ao ego (eu), assume caráter negativo, podendo direcionar o indivíduo a um fanatismo religioso. Levando em consideração o inconsciente coletivo como subdivisão da *psique*, compreendemos, portanto, um pouco do processo de formação dos símbolos.

Em *Imagens e Símbolos*, Mircea Eliade (2002), propõe que “o pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva”. Para ele, o símbolo tem uma função profunda no que diz respeito ao estudo do homem e de sua *psique*.⁷

⁷ Como Mircea Eliade (2002) lida com símbolos em seu estudo sobre as religiões, consideramos que o conceito de psique aqui adotado por ele é o proposto por Carl Jung.

O inconsciente humano, responsável por fundamentar os símbolos, é morada não somente de monstros e dragões, mas dos mais belos sonhos, devaneios, e seres mitológicos como deuses e deusas. Essas imagens exercem a função de “ajudar o homem a libertar-se” (ELIADE, 2002), para que a partir das imagens produzidas no seu inconsciente onírico, ele seja capaz de encontrar a sua essência e reconhecer o seu valor.



3.A IMAGINAÇÃO MATERIAL DA ÁGUA

Quando o mundo abandonar o meu olho.
 Quando o meu olho furado de belezas for
 esquecido pelo mundo.
 Que hei de fazer?
 Quando o silêncio que grita do meu olho não
 for mais escutado.
 Que hei de fazer?
 Que hei de fazer se de repente a manhã
 voltar?
 Que hei de fazer?
 – Dormir, talvez chorar.

Manoel de Barros

Os estudos do elemento *água*, mais especificamente na segunda parte do *Livro das Ignorâncias*, sustentam-se nos pressupostos do filósofo francês Gaston Bachelard, mais especificamente no livro *A Água e os Sonhos* (2002). Essa obra tem por intuito analisar processos de criação poética através do que o autor denomina de *imaginação material* em oposição ao que ele trata como *imaginação formal*. A última é calcada em uma visão “ocularista” e ocidental, priorizando a visão, a captação de imagens, associando-as a teorias, a pressupostos, ao próprio conhecimento. Dessa forma, essa condução “ocularista” da imaginação pode ser aproximada do formalismo, fazendo com que o homem ocupe um papel passivo em relação à criação, um mero observador das coisas e dos acontecimentos reais, pois o processo de *imaginação formal* é realizado por procedimentos de reprodução do real, é a retratação de imagem que está na mente por fruto de passada observação. Para, porém, alcançar a competência de criação literária aos moldes de Manoel de Barros, faz-se necessária a inserção do conceito que permeia toda a análise, não só do elemento água, mas da própria construção poética na obra citada de Bachelard: a *imaginação material*. Ela nada mais é do que a capacidade artística de materializar imagens que decorrem da imaginação criativa do autor, do poeta ou do artista.

Essas imagens da matéria, nós as sonhamos substancialmente, intimamente, afastando as formas, as formas percíveis, as vãs imagens, o devir das superfícies. Elas têm um peso, são um coração. (...) No fundo da matéria

cresce uma vegetação obscura; na noite da matéria florescem flores negras. Elas já têm seu veludo e a fórmula de seu perfume. (BACHELARD, 2002, p. 2)

Manoel de Barros é, sem dúvida, um materializador de imagens que transcendem a própria *imaginação formal*, já que ele as cria além dos parâmetros na realidade concreta. O conceito de *imaginação material* proposto por Bachelard é altamente explorado na construção poética de Manoel de Barros. Se tentássemos enquadrar a poética de Barros à *imaginação formal*, sua poesia perderia não somente o sentido, mas sua visão orgânica em relação ao mundo, conforme podemos observar no poema:

O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
 Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
 Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.
 Era uma enseada.
 Acho que o nome empobreceu a imagem.(BARROS, 2010, p. 303)

É interessante observarmos a prevalência da *imaginação material* no poema acima, portanto, não “ocularista” e literal. Para o autor, a palavra “enseada” não define de forma eficaz a imagem criada por ele. Essa imagem nos permite enxergarmos esse rio como um rio, mas um rio único, fruto de um ato original de linguagem, como, aliás, se espera da poesia: não dizer o novo, mas o modo novo de dizer. O que, em última análise, faz surgir uma nova nuance do já conhecido e permite, assim, a ampliação da coisa dita. O vidro mole é equivalente à água do rio, mas é também mais que água, e a imagem da cobra associada às curvas que o rio faz permite ver o movimento coleante sem o medo do veneno. Assim, a *imaginação formal* associada à palavra enseada não nos permitiria imaginar o rio aos olhos do poeta, enfraquecendo, portanto, a imagem que ele vê, dotada de significações próprias. Daí a limitação, o empobrecimento, pois passa a ser aquilo que já se conhece e que está enquadrado no dicionário.

Seguindo esse diapasão, o corpus adotado por nós para o desenvolvimento dessa presente análise, enquadra-se perfeitamente no que diz

respeito à aplicação da *imaginação material*. Assim como no poema citado, as imagens propostas por Manoel de Barros em “Os Deslimites da Palavra” têm formação profunda na imaginação, no inconsciente, pois se concretizam verbalmente em inusitadas sugestões imagísticas. O elemento água, nosso tema de estudo, funciona como um motivador a todas essas construções imagéticas presentes nos três dias e três noites em que “canoeiro Apuleio vogou (...) por cima da água, sem comer nem dormir.” (BARROS, 2010, p. 305).

Aqui nos lançamos a uma jornada na companhia de Apuleio, seus medos, inseguranças, devaneios e precisões: até, por fim e juntamente com ele, nos resignificarmos (ele em relação a si, nós em relação à água). Essa viagem sobre as águas, ou até mesmo o contato permitido com o rio, projeta, segundo Bachelard, um elemento peculiar em relação à *imaginação material*:

Deverá reconhecer que a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação. Fortalecido com esse conhecimento de uma profundidade num elemento material, o leitor compreenderá enfim que a água é também *um tipo de destino*, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. (BACHELARD, 2002, p. 6)

Assim, devemos compreender que o destino do canoeiro Apuleio o fez perder-se nas vastas águas pantaneiras, com o propósito de que esse ficasse em contato com essa substância essencial, ligada diretamente às substâncias do ser. É como se o seu inconsciente clamasse por uma mudança, atentasse para outras formas de vida, só despertas a partir da contemplação da água e da inserção do canoeiro nesta.

3.1 O DEVANEIO COMO INSTRUMENTO DE CRIAÇÃO

“Quem eventualmente, poeta não é, cria o quê? Se alguém não tem mesmo nada para criar, pode talvez criar a si mesmo.”

C. G. Jung

Segundo a Psicanálise, devaneio seria o mesmo que sonhar acordado. Estaria atrelado à ideia de uma consciência que diminui e adormece como forma de fuga para o real. Trabalhamos com o conceito de Gaston Bachelard que coloca o devaneio como consciência poética, que permite ao artista construir imagens materiais nascidas do coração. Esse “Sonhar acordado” não está ligado ao sonho noturno e pesado, mas sim, àquele que inflama o nosso imaginário, que nos dá passagem para nos relacionarmos com as necessidades do nosso inconsciente pessoal. Assim, as expressões artísticas nos permitem interagir amplamente com sentimentos e emoções, proporcionando desenvolvimento no processo de individuação⁸.

Em *A Poética do Devaneio* (1996), Bachelard afirma que “Um excesso de infância é um germe de poema” (BACHELARD, 1996, p.95), pois a criança está aberta às possibilidades inventivas, principalmente quanto à linguagem, até porque a está descobrindo. O poeta, então, como sugeriu Alceu Amoroso Lima, busca em sua criação um refluir para a fonte, que se concretiza muito bem nos versos de Manoel de Barros: “Eu queria avançar para o começo/ Chegar ao criancamento das palavras/ Lá onde elas ainda urinam na perna”. (BARROS, 2010, p. 339). Ora, esse pressuposto é essencial para entendermos as imagens materiais produzidas pelo autor em “Os Deslimes da Palavra”. A linguagem reinventada é compatível com um mundo interior e está além dos sentidos, em que a verossimilhança é desconstruída a partir da sinestesia, da metáfora, do neologismo e o uso renovado de termos conhecidos ou incomuns, como se percebe nessas imagens inéditas: “*Escuto a cor dos peixes*” (BARROS, 2010, p. 309), “*A chuva deformou a cor das horas*” (BARROS, 2010, p. 308), “*O escuro enfraquece o meu olho*”, “*Repousa uma garoa sobre a noite*”, “*Sobre meu rosto vem dormir a noite*” (BARROS, 2010, p. 309), “*Uma espécie*

⁸ Esse processo foi brevemente citado no capítulo 1.

de canto *me ocasiona*”, “Eu sou *culpado de mim*” (BARROS, 2010, p. 309)⁹, “natências”, “desagero”, “nobrementes”, “brasonar”, “bestamentos”, “morrimentos”, “desmorrer”, “umidez” “pejos”, “lindeiro”, “alheamento”, “oblitero”, “sandeu”, “fanal”, “propendo”, “estúrdio”, “nequices” “necedade”, “engalana”, “frontispícios”, “reslumbra”.

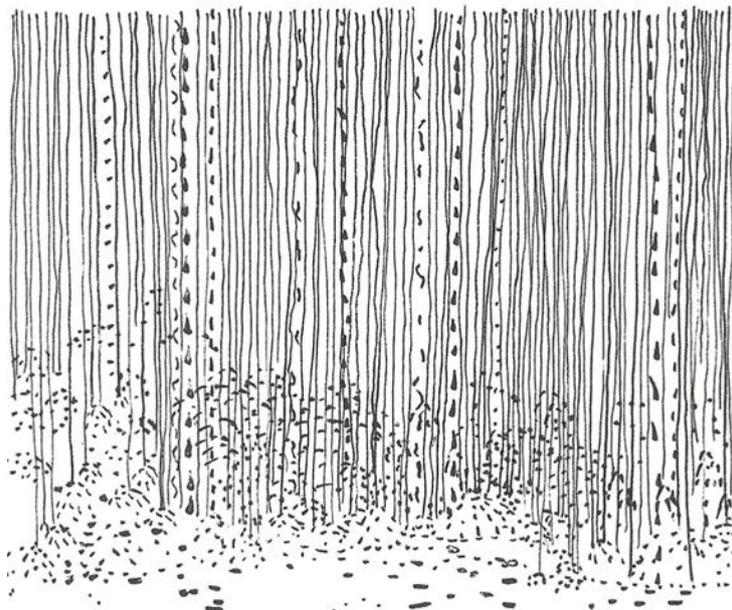
É sim verdade que o poeta escolhe esses termos e que, portanto, são frutos de uma racionalidade no ato de criação, entretanto, o efeito que produzem ultrapassa a compreensão lógica e se aloja no campo do emocional, pois provoca reações de estranhamento, as quais se aproximam das imagens inusitadas que surgem nos sonhos ou nos estados de delírio.

⁹ Grifos nossos.

4 O MERGULHO AO INCONSCIENTE: DAS ÁGUAS CLARAS À SUPREMACIA DA ÁGUA DOCE

A água leva-nos. A água embala-nos A água adormece-nos.

Gaston Bachelard



*A água triste cai como um sonho,
sonho velho que se esqueceu...*

Cecília Meireles

É necessário entendermos os símbolos possíveis assumidos pelo elemento *água* na obra analisada, pois é a partir desses significados que conseguiremos, neste primeiro momento, estabelecer relações entre o ambiente aquoso e a trajetória de emoções e sensações produzidas pelo náufrago Apuleio durante a sua viagem pelo Pantanal.

As águas existem antes da Terra. Portanto, estar em contato com o ambiente aquoso é entrar em contato com os nossos antepassados e a nossa origem, por isso, a água permite abrir a nós um leque de possibilidades em relação à existência. O simbolismo da água nesse contexto da matéria-prima assume uma ambivalência: pode relacionar-se tanto à ideia de morte como à

de renascimento. O mergulho nas águas permite ao “homem velho” regenerar-se, dando forma a um “homem novo” e lhe possibilitando assumir uma vida diferente da anterior. Esse conceito está relacionado ao símbolo religioso do batismo, e é a partir do contato do indivíduo com a água que ele se purifica e se transforma. Em “Os Deslimes da Palavra”, a personagem Apuleio não passa pelo rito batismal da imersão, mas é como se estivesse imerso nessa água natural, pois, a partir da análise de sua trajetória, o naufrago não escapa à reflexão de sua vida e conduta. Apuleio chega até a citar que seu nome de batismo é este, Apuleio, mas que seu vulgo é Seo Adejunto, por muitos anos de serviços militar prestados.

Aprofundando a análise em relação aos dois nomes referidos, verificamos que o nome Apuleio pode ter origem no nome do autor da obra *O Asno de Ouro*, *Lucius Apuleius*, escritor anterior a Cristo. Na obra, conhecemos a personagem, também *Apuleius*, que, mostrando-se extremamente curioso pela arte da magia, acaba transformando-se em asno. Sua trajetória consiste em Apuleius, de forma muito corajosa, passar por inúmeras situações até ressignificar-se como humano. Ao final de sua aventura, *Apuleius* mostra-se mudado, mais humilde e grato em relação à vida.

Voltando ao nosso Apuleio do Pantanal, a sua trajetória não se inicia de livre e espontânea vontade: o barqueiro vira naufrago, após uma grande tempestade ocorrida no período em que ele estava vogando pelo rio. No primeiro dia de sua jornada, diz que não tem “proporções para apuleios” (BARROS, 2010, p. 306) e ainda enfatiza que seu “asno não é de ouro” (BARROS, 2010, p. 36), ou talvez o “eu lírico” não considere seu escrever de tamanha importância, como fora a obra do escritor latino, mas, à semelhança dele, faz seu personagem realizar uma travessia. Se em “O asno de ouro”, através da experiência como asno, o personagem aprende o que é ser homem, aqui, pelo navegar incerto sobre a superfície das águas, Seo Adejunto teria adquirido dimensão de profundidade.

Ao que tudo indica, a busca por sua origem, por seu nome de batismo, faz com que Apuleio distancie sua imagem pessoal de sua essência, pressuposta morfologicamente por seu nome, Apuleio. Sabemos que o *Apuleius* da obra *O Asno de Ouro* era uma figura corajosa, enquanto o naufrago se identifica como alguém aquém do nome de batismo. Observemos

então o nome pelo qual a personagem é conhecida: Seo Adejuto. A conotação desse nome em relação ao primeiro é negativa. Um *adjunto*, segundo a Gramática Tradicional, é um termo acessório à oração, ou seja, que pode ser dispensável a ela. O adjunto, portanto, está sempre ligado a um termo essencial, seja ele um verbo, um advérbio, um adjetivo ou um substantivo. Portanto, ter o vulgo de Seo Adejuto, confere à personagem uma figura dispensável e sem relevância. Como ele mesmo sugere ao imaginar seu vulgo como se fosse a unha (“Os nomes já vêm com unha?”), evidentemente de um dedo. Adejuto vem da função exercida no quartel: cabo-adjunto.

A escolha de um nome com essa conotação trabalha em consonância com o que o poeta Manoel da Barros revela no conjunto de sua obra: destacar o desimportante. Daí decorre o não considerar-se apto para Apuleio, nome recheado de significações e história, como já se viu. Monumentar o ínfimo, porém, como sempre fez o escritor, não seria tornar Seo Adejuto em Apuleio?

O intuito do desenvolvimento da análise simbólica da água nesse contexto morfológico é observar se o naufrago, por batismo Apuleio, é considerado por si, ao final de sua empreitada no Pantanal, com essa conotação positiva que seu nome passa, ou se continua se assumindo Seo Adejuto, ou se, por último, ocorre a fusão da ambivalência sugerida pelos nomes, permitindo a Apuleio se ressignificar, ou seja, tornar-se esse “homem novo”. No ponto de partida, há a rejeição de Apuleio e a aceitação de Seo Adejuto, além de o personagem considerar-se dono de seu destino: “Do meu destino eu mesmo desidero”. Já no segundo dia na canoa, Seu Adejuto parece ter repensado sua condição: “Estou irresponsável de meu rumo”. Quase no final da trajetória, sente-se perdido: “Alguns pedaços de mim já são desterro”. O ambiente o vai transformando: da certeza do destino ao desterro.

A partir de sua identificação, o canoeiro inicia sua trajetória de descobrimento pessoal, numa relação entre seus medos e anseios e a imensidão das águas que o circundam, com seu valor inconsciente. Quando Apuleio explicita “Não fui fabricado de pé. Sou o passado obscuro dessas águas?”, sua reflexão sobre o ciclo vida-morte-vida toma corpo, relacionando o ser “fabricado de pé” em relação à imagem do caixão, simbolizada na canoa que o protege e confina, construindo essas primeiras ideias sobre a morte. Quando o canoeiro lança mão da pergunta sobre o passado das águas daquele

rio, que eram obscuras, Apuleio inicia uma trajetória de acesso ao seu inconsciente. Segundo a tipologia Jungiana, a água simboliza o mundo inconsciente. O contato com a água nos proporciona a descida ao reino mais obscuro e sombrio da natureza do ser. É o mundo das nossas subjetividades, de emoções interiores.

A água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de "subconsciente", não raro com uma conotação pejorativa de uma consciência inferior. (...) Psicologicamente a água significa o espírito que se tornou inconsciente. (...) A descida às profundezas sempre parece preceder a subida. (JUNG, 2002, p. 28)

A partir do desenvolvimento da sua trajetória de acesso ao inconsciente, Apuleio começa a perceber seu ambiente de forma diferente, permitindo a ele acessar a uma linguagem fora do padrão formal, que não mais tenta a reprodução da experiência do mundo, e que já explicitamos como *imaginação material*, criação em linguagem de uma experiência imagética que não passou pela visão, que não é fruto de uma apreensão prévia de realidade concreta, mas projeção criativa. Seu primeiro contato com a água e sua formação inicial de imagens, nesse primeiro momento, ainda é superficial, rasa. Nesse estágio inaugural, Apuleio somente se percebe como indivíduo, descobre ter uma "natureza de pessoa", e inicia um pensamento insistente na contemplação de sua própria imagem. Assim como Narciso, que tem acesso aos bosques e à sua imagem na água por acaso, também acontece o mesmo processo com o canoeiro do nosso poema, que institui o pensamento sobre o mundo depois de iniciar o processo de contemplação de si (não somente de sua imagem, mas de sua personalidade). Para Gasquet¹⁰ (citado por Bachelard), "O mundo é um imenso Narciso ocupado no ato de pensar". Pois então, "onde ele pensaria melhor que em suas imagens?" (BACHELARD, 2002, p. 27).

Esse processo de reconhecimento de si, antes mesmo do acesso ao inconsciente, é entendido como uma necessidade de Apuleio e um direcionador para as suas criações imagéticas. Assim, a contemplação,

¹⁰ Joachim Gasquet, em seu livro *Narcise*, p. 45.

segundo Bachelard, carrega uma conotação relacionada à vontade e assim permite que o olho do protagonista “tenha vontade de ver suas visões”. (BACHELARD, 2010, pg. 31). E o elemento água, relacionado ao conceito maternal de respaldar nossos anseios e dúvidas, de nos embalar e permitir o acesso ao nosso inconsciente faz com que Apuleio descubra “aguamento em seus olhos” (BARROS, pg. 307), o que lhe permite materializar imagens dentro de seu novo ambiente, o ambiente aquífero. Para Bachelard, a água torna-se o olho verdadeiro da terra e, segundo ele, a água dos nossos olhos é a que sonha. Para Claudel (citado por Bachelard), “nossos olhos não serão essa poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos?” (p.33). Ou seja, não serão os aguamentos presentes em nossos olhos capazes de sonhar e de construir imagens materiais?

Na sua viagem de contemplação de si mesmo, que vai aos poucos se expandindo para o mundo, canoeiro Apuleio adentra ao reino da imaginação, direcionado, pois, pelo elemento da água, e começa assim a desconstruir amarras com a *imaginação formal*, calcada na observação de elementos reais, da noção de tempo fragmentada e do espaço limitado. Com o passar das horas, ainda no primeiro dia de sua jornada, Apuleio já começa a assumir uma noção diferenciada em relação não só ao espaço “Estas águas não têm lado de lá. Daqui só enxergo a fronteira do céu” (BARROS, 2010, p. 306), mas também do tempo cronológico “A chuva deformou a cor das horas” (BARROS, 2010, p. 308). Com o processo de transformação da *água clara* para a *água escura*, ou seja, de desenvolvimento de uma percepção interior a cada momento mais densa, entendemos que o valor do tempo é recriado quando a imaginação aflora e assenta, dando à própria Terra a competência de ver por seu olho mágico de água: “A água, assim, é o olhar da terra, seu aparelho de olhar o tempo.” (CLAUDEL, citado por BACHELARD, p. 33). Essa perda de noção em relação ao tempo está associada à contemplação da água, que faz com que tenhamos acesso direto ao nosso inconsciente, que está desassociado de padrões terrenos e impostos. O olhar da água sobre o tempo é calmo e homogêneo, não fragmentado, é um olhar que permite retomar o passado de maneira contundente e admirar o futuro, envolvido em um ambiente acolhedor, tranquilo, de contato com a própria essência. É meditação.

A passagem das *águas claras* para as *águas profundas* fica evidente ainda no primeiro dia de jornada do naufrago, quando Apuleio passa a contemplar traços mais densos de sua personalidade e a relacioná-los à natureza e a questões transcendentais, voltando à ideia inicial da exploração do ciclo vida-morte-vida. A presença da água permite ao canoieiro perceber que “meu vazio é cheio de inerências (BARROS, 2010, p. 307) e que por só enxergar essa fronteira que existe entre as águas e o céu, “não tenho competências para morrer” (BARROS, 2010, p. 308). A água, segundo Bachelard, é “um convite à morte” (BACHELARD, 2002, p. 58) e, portanto, o destino de Apuleio parece estar traçado, mesmo o personagem não se sentindo pronto para ser levado por Caronte. É a partir da ideia que corre a morte, do seu cansaço aparente e do estado de devaneio, que as imagens materiais se aprofundam assim como as águas que correm o inconsciente do canoieiro.

Para Gaston Bachelard em *A Água e os Sonhos* (2002), as águas claras seriam aquelas superficiais, rasas, águas da fonte. Elas têm o poder de instaurar o frescor à imaginação material e poética, que tem por premissa a ideia de *despertar*. Essa perspectiva deve ser levada em conta em nossa análise, pois o contato entre o canoieiro Apuleio e a água permite a ele exatamente esse abrir de olhos. O que nos intriga, especificamente, é o contato do naufrago com as chamadas *águas profundas*, pois segundo o próprio Bachelard, “toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada”. (BACHELARD,2002,p.49). Ou seja, o contato superficial da água quando prolongado, permite ao seu observador que se conecte com seu inconsciente, a chamada água profunda, e aumenta a sua capacidade de construir imagens materiais a partir de suas necessidades inconscientes:

Nessa contemplação em profundidade, o sujeito toma também consciência de sua intimidade. Essa contemplação, não é, pois, uma *Einführung*¹¹ imediata, uma fusão desenfreada. É antes uma perspectiva de aprofundamento para o mundo e para nós mesmos. Permite-nos ficar distantes diante do mundo. Diante da água profunda, escolhes tua visão; podes ver à vontade o fundo imóvel ou a corrente, a margem ou o infinito; tens o direito ambíguo de ver e não ver; tens o direito de viver como barqueiro ou de viver com “uma nova raça de

¹¹ “Empatia” em Alemão.

fadas laboriosas, dotadas de um bom gosto perfeito, magníficas e minuciosas”. A fada das águas, guardiã da miragem, detém em sua mão todos os pássaros do céu. Uma poça contém o universo. Um instante de sonho contém uma alma inteira.(BACHELARD, 2002, p. 53).

Assim, canoeiro Apuleio, ao vogar três dias e três noites nas águas do Pantanal, escolhe, nessa ambiguidade sugerida pela água, ter uma visão diferente sobre o próprio Pantanal e sobre si. Ao primeiro dia de sua trajetória, a primeira observação de Apuleio é sobre as consequências que a grande chuva causou. Além de ter molhado seus “pejos” / “meus apetrechos de dormir”/ “meu vasilhame de comer” (BARROS, 2010, p. 306), podemos notar a grandeza do aumento do nível das águas no Pantanal quando o naufrago aponta que “daqui só enxergo a fronteira do céu”/ “estou anivelado com a copa das árvores”./ “Pacus comem frutas de carandá nos cachos”. (BARROS, 2010, p. 306). Então, o canoeiro apresenta-se e inicia, a partir da contemplação da água, um diálogo consigo mesmo, permeado por questões tais como: “Sou o passado obscuro destas águas?”, “Fui urinado pelas ovelhas do Senhor?”, “Palestrar com formigas é lindeiro de insânia?”, “O que está longe de mim é claro ou escuro?” (BARROS, 2010, p. 306 e 307).

A profundidade de pensamentos assumidos pelo naufrago torna-se mais contundente a partir do momento em que este se vê realmente numa situação de risco, em que seu destino é incerto. A morte torna-se uma sombra presente, e sua possível brevidade na vida permite ao canoeiro produzir imagens materiais mais inconscientes, pois o estado de devaneio está a cada dia mais presente devido à fome, o sono e o medo, fazendo com que seus apontamentos e dúvidas cheguem a beirar o filosófico. Sabemos (nós leitores), que o fim de Apuleio não se cumpre, pois o prólogo *Explicação Desnecessária* nos avisa que um caderno com as experiências do naufrago é encontrado. Havemos de atentar para a perspectiva da própria personagem que não tem definido o seu destino e que, por vezes, acredita estar fadado à morte. Para Bachelard, “A morte é então uma longa e dolorosa história, e não apenas o drama de uma hora fatal; “é uma espécie de definhamento melancólico””. (BACHELARD, 2002, p. 57). Assim, Apuleio definha não só física, mas psicologicamente. “Tenho uma dor de concha extraviada./ Uma dor de pedaços

que não voltam./ Eu sou muitas pessoas destroçadas.” (BARROS, 2010, p. 313.)

A morte do barqueiro ocorre no seu interior e tem função de renascimento. Mesmo assim, Apuleio pode assumir a figura do Caronte, pois faz uma travessia sobre as águas. Para Bachelard, “A função de um *simples* barqueiro, quando encontra seu lugar numa obra literária, é quase fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte¹². Por mais que atravesse um simples rio, ele traz o símbolo de um além. O barqueiro é guardião de um mistério”. (BACHELARD, 2002, p. 81). Isto posto, canoero Apuleio carregava seu mistério pessoal, o mistério da sua própria alma, revelado pelo contato com a água e pela travessia por ele executada. Ainda segundo Gaston Bachelard, a água assume essa ambivalência de unir e desunir, de encontra-se e perder-se como parte de seu próprio movimento, de seu destino natural.

Ainda relacionando a água aos seus movimentos, Gaston Bachelard observa que as ondulações do rio lembram-nos o embalar de nossa mãe e por isso, ela recebe uma conotação maternal. “Dos quatro elementos, somente a água pode embalar. É ela o elemento embalador. Este é mais um traço de seu caráter feminino: ela embala como uma mãe.” (BACHELARD, 2002, p. 136). Num primeiro momento, a água para canoero Apuleio poderia relacionar-se ao desespero, mas a partir da contemplação do nauta e do balanço das águas do rio, instaura-se uma atmosfera propícia a explorar seu inconsciente de forma acalentadora, apesar da dúvida em relação ao seu destino. Esse embalo da água é também um traço de predileção no que diz respeito à imagem material. Assim como a água liga-se à morte, esse embalo liga-se à vida das imagens construídas através desse ir e vir.

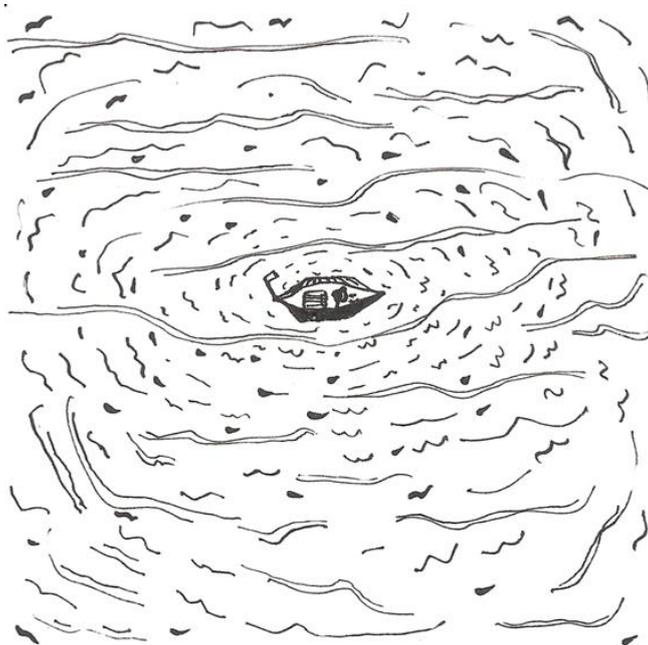
Assim como todos os sonhos e todos os devaneios ligados a um elemento material, a uma força natural, os devaneios e sonhos embalados proliferam. Depois deles virão outros sonhos que continuarão essa impressão de prodigiosa doçura. Darão à felicidade o gosto do infinito. É ao pé da água, é sobre a água que se aprende a vogar sobre as nuvens, a nadar no céu (...) A água convida-nos à viagem imaginária.(BACHELARD, 2002, p.137).

¹² O Caronte é uma figura simbólica de um barqueiro que faz a travessia dos mortos para o além.

Há também outra conotação maternal possível, ao associarmos a água ao leite materno, em que toda a substância líquida seria uma água e que toda a água seria láctea. Essa relação pode ser estabelecida, pois todo o devaneio e sonho profundo tem uma origem no grande inconsciente pessoal, maturado desde o início dos nossos dias, desde os nossos primeiros passos. Esse é mais um apontamento para entendermos a profundidade com que Apuleio mergulha em seu inconsciente, tentando assim, estabelecer traços anteriores para a constituição de sua verdadeira essência. E o canoeiro ainda afirma que “Ninguém que tenha natureza de pessoa pode esconder suas natências”. (BARROS, 2010, p. 306). A palavra “natência” não se encontra no dicionário, mas seguindo um contexto dentro do poema parece ligar-se a ideia de nascimento, e pode ter relação com a palavra “latência”, ou seja, sua personalidade real está oculta, não aparente. Em relação a palavra “natência”, encontramos dois significados em teses distintas, porém que se aproximam. O primeiro, é na tese de doutoramento de Nery Reiner, intitulada *A Poética de Manoel de Barros e a relação Homem-vegetal*, de 2006. Segundo Nery, a palavra “está relacionada à palavra natal: dia do nascimento ou relativo ao próprio nascimento”. (NERY, 2006, p. 95). Na dissertação de Mestrado de Júlia Franzoni encontramos o segundo significado, em sua tese *Funções e formas da divisão social do trabalho: Circuito inferior da economia urbana e espaços marginais*, para obter o título de bacharel em Direito. Segundo a autora, natências “, é aquilo que nasce com”. (FRANZONI, 2008, p. 30). Pesquisamos também no Dicionário Oficial da União (DOU), pois o vocábulo não se encontrava no dicionário jurídico, e por constar na tese de Franzoni, imaginamos que o termo poderia ser técnico da área do Direito. Isso faria todo o sentido porque o poeta Manoel de Barros formou-se advogado em 1941. Segundo a nossa pesquisa, constatou-se que “natência” diz respeito à procedência, origem. Utilizava-se a expressão para os processos licitatórios, em que os licitantes deveriam provar a origem dos instrumentos que utilizariam para a execução dos serviços, se tinham as regulares certificações, etc. Ou seja, todos os significados indicam que a palavra “natência” refere-se à origem, sugerindo o nascimento ou o renascimento de um novo homem, de um novo

Ainda no que diz respeito à Gaston Bachelard e seus pressupostos em

relação à água, é importante observarmos a distinção que este, a partir de seus estudos, faz da água do mar e da água do rio. O filósofo considera a água doce como suprema, afirmando que “uma perversão salgou os mares”. (BACHELARD, 2002, p. 162). É a partir do calmo embalo exercido pelas águas do rio de água doce, que canoieiro Apuleio torna-se capaz de conceber seus “bestamentos” e se ressignificar. Estaria então o seu destino feliz atrelado à ideia da água doce em oposição à água dos mares? Para Bachelard, “as metáforas do mar feliz e bondoso serão muito menos numerosas que as do mar cruel”. (BACHELARD, 2002, p. 178). Assim, a água do rio permite dar ao canoieiro lições mais diretas, mas sem perder sua doçura e pureza, devolvendo-lhe, ao final do terceiro dia, a chance de vida. Segundo Hermès Trismégiste¹³ (citado por Bachelard): “Um excesso de água torna a alma doce, afável, fácil, sociável e disposta a ceder.” (BACHELARD, p.163). O canoieiro Apuleio, ao longo de sua trajetória, adentrou ao seu inconsciente, explorou imagens materiais, entregou-se a um destino incerto e por fim, cedeu não só ao cansaço e à exaustão, mas ao mais importante: o retomar a si mesmo.



¹³Hermès Trismégiste, p. 202.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imbico numa lata enferrujada. Um sabiá me aleluia.

Manoel de Barros

Antes de observar com mais veemência o ambiente ao seu redor, Apuleio começara a notar-se como pessoa e a sacramentar julgamentos a seu respeito. Dizia que não veio de “nobrementes”, mas mostrava-se afável ao afirmar que “lugar sem comportamento é o coração” (BARROS, 2010, p. 308) e ainda, mostrava-se covarde diante da morte ao especular: “não tenho competências para morrer” (BARROS, 2010, p. 308). Observemos, pois, que, após sua trajetória, Apuleio sem dúvida alcança uma mudança interna, uma vez que lida intensamente com emoções, sentimentos e dúvidas aos quais ele não era facilmente exposto. Mesmo admitindo-se Seo Adejunto e negando seu nome batismal, Apuleio assume uma postura diferente em relação à sua personalidade conformada e frágil ao direcionar o foco (que antes era voltado para si) para o ambiente ao seu redor. Há aqui ainda uma busca por si e uma reflexão sobre sua pessoa, mas no terceiro dia, as considerações em relação a si estão mais complexas e densas. O que faz Seo Adejunto somar-se verdadeiramente a Apuleio é a tranquilidade com que o náufrago toma o seu destino e aceita a sua morte, pois sente uma “dor de pedaços que não voltam.” (BARROS, 2010, p. 313). Tanto é certa essa sua conformidade, que o canoero, ao encontrar a margem, fica surpreso e estremece de “espírito ao enxergar a ‘Aldeia dos Guaná’” (BARROS, 2010, p. 314). Entende-se que Seo Adejunto retornará à vida que levava antes, mas com uma experiência de quase morte que lhe deu mais zelo e força para a vida. Assim, a fusão entre Seo Adejunto e Apuleio ocorre como se seu vulgo pudesse, aos olhos da psicologia analítica, representar o *ego* do canoero, enquanto Apuleio o *self*. Como já esclarecido anteriormente, *ego*, para Jung, é a parte consciente da nossa *psique* que é responsável pela identidade pessoal e está no campo de mediação entre a consciência e a inconsciência. O *Self* é responsável por nossa personalidade na totalidade, ou seja, é a nossa essência. Assim, Seo Adejunto estaria correlacionado ao *ego* do canoero e, ao ter expandida a

mediação proporcionada pelo ambiente aquático que experimentou de modo peculiar, entre consciente e inconsciente, sua personalidade total veio à tona.

A água também agiu como símbolo do *inconsciente coletivo* ou do *inconsciente pessoal*, e teve por revelação “expression. of the vital potential of the psyche, of the struggles of the psychic depths to find a way of formulating a clear message comprehensible to the consciousness.”¹⁴(CIRLOT, 1993, p. 366). Assim, Apuleio, por encontrar-se em ambiente aquoso, sofreu outra imersão para tornar-se um “homem novo”: a imersão em seu inconsciente. Essa viagem ao inconsciente foi possível pela presença constante da água, sugerindo a profundidade que a personagem pôde atingir ao entrar em contato com imagens que, ao início, entrelaçavam-se, mas que ao desenvolvimento da viagem foram se clareando. A começar pela própria questão de seu nome, a passar por questões de sua personalidade, sobre a vida e a morte. E é nessa questão da morte que obtivemos mais uma simbologia da água: ela é o elemento fluido entre o “etherial (fire and air) and the solid (earth): between life and death”. (VRIES, 1976, pg. 493).¹⁵É nesse impasse que a nossa personagem realmente se encontrava e é dele retirada pela presença da água. A morte é crível, mas não é certa (pelo menos na medida do tempo), assim como a própria noção de vida.

Além da ideia do ciclo vida-morte-vida, a imersão nas águas assumiu sentido de regeneração, pois intensificava a força da vida. Ora, nesse sentido, podemos dizer que Apuleio tem suas forças vitais regeneradas ao final do poema, quando encontra a margem do rio. Isso ocorre, segundo a nossa análise, pois o naufrago, ao longo de sua perda no Pantanal, teve suas forças diminuídas pela falta de alimento e sono: “Minha voz inaugura os sussurros”. (BARROS, 2010, p. 312). O viajante, durante sua trajetória, chegou a assumir como certo o seu destino de morte, a ponto de comparar a sua canoa a um caixão ou a uma tumba: “Estou deitado em compostura de águas./ Na posição de múmia me acomodo”. (BARROS, 2010, p. 310). Inevitavelmente, Apuleio, ao encontrar a margem do rio, desconstrói a imagem fatalista relacionada à sua

¹⁴ “Expressão do potencial vital da psique, das lutas das profundezas psíquicas para encontrar uma maneira de formular uma mensagem clara compreensível para a consciência”. Tradução nossa.

¹⁵ “etéreo (fogo e ar) e o sólido (terra): entre a vida e a morte.” Tradução nossa.

trajetória, pois a esperança foi restabelecida “Chego mais perto e estremeço de espírito/ Enxergo a Aldeia dos Guanás” (BARROS, 2010, p. 314) e, portanto, tem sua força vital regenerada ao perceber que seu destino era contrário à morte.

Ao final da observação em relação à trajetória do canoeiro Apuleio, pudemos evidenciar que a relação exercida pela água em seu estado psicológico é recorrente. A partir do contato demasiado entre o náufrago e o elemento água, é permitido o mergulhar do nauta em seu inconsciente, adentrando em um estado de devaneio criativo e filosófico e sendo altamente capaz de formular imagens materiais. O ambiente aquoso torna-se essencial na composição do personagem/eu-lírico, permeia os três dias de desaparecimento do canoeiro e todos os momentos da sua travessia, tornando-se protagonista juntamente a Apuleio no seu processo de ressignificação.

Os processos simbólicos foram de extrema importância para a compreensão dos vários significados exercidos pela água na obra. A questão da busca do si mesmo do canoeiro ligada ao nome também foi facilitada pela presença desse elemento essencial. Os pressupostos de Gaston Bachelard também nos direcionaram a conclusões pertinentes como: o medo da morte, o embalo materno, a água como leite sendo essenciais para a busca de si gerando uma espécie de renascimento de Apuleio, sem deixar de ser Seo Adejunto. E finalmente a questão da água do rio como símbolo de doçura foi essencial ao fechamento feliz da história.

A nossa motivação para a continuação desse trabalho ainda existe e sabemos que as nossas considerações e visões ainda são pequenas em relação ao estudo do elemento água na poesia de Manoel de Barros. A intenção desse trabalho é abrir uma discussão voltada ao tema e explorá-lo dentro da obra do autor Pantaneiro, pois o elemento essencial é retratado com bastante constância na criação lírica do autor. Em relação à questão mais político-social que envolve a água, esse estudo se absteve de considerações, porém poderia motivar empreendimentos relacionados à Ecocrítica, uma linha de pesquisa voltada a analisar as representações da natureza como forma de conscientização.

REFERÊNCIAS

APULEIUS, L. O **asno de ouro**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/6699630/Lucio-Apuleio-O-Asno-de-Ouro>>. Acesso em 18 fev. 2013.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CIRLOT, J. E. **A Dictionary of Symbols**. 2. ed. Nova York: Barnes & Noble, 1993.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANZONI, J. A. **Funções e formas da divisão social do trabalho: circuito inferior da economia urbana e os espaços marginais**. 2008. Monografia (Bacharelado em Direito) – Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

POLETTTO, J. “**O dilema poético de Manoel de Barros**”. In: *Literatura e tecnologia*. Org. POLETTTO, J. (no prelo da Editora da UTFPR).

RAMOS, L. M. A. **Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung**. EDT – Educação Temática Digital, Campinas, v. 4, n. 1, p.110-114, dez. 2002.

REINER, N. N. B. **A poética de Manoel de Barros e a relação homem-vegetal**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VRIES, Ad de. **Dictionary of Symbols and Imagery**. Londres: North-Holland Publ. Co., 1976.

ANEXO

OS DESLIMITES DA PALAVRA

Explicação Desnecessária

Na enchente de 22 a maior de todas as enchentes do Pantanal, canoeiro Apuleio vogou 3 dias e 3 noites por cima das águas, sem comer sem dormir - e teve um delírio frásico. A estórea aconteceu que um dia remexendo papéis na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá, dei com um pequeno Caderno de Armazém, onde se anotavam compras fiadas de arroz feijão fumo etc. Nas últimas folhas do caderno achei frases soltas, cerca de 200. Levei o manuscrito para casa. Lendo as frases com vagar imaginei que o desolo a fraqueza e o medo talvez tenham provocado, no canoeiro, uma ruptura com a normalidade. Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude. O resultado ficou esse. Desconfio que, nesse caderno, o canoeiro voou fora da asa.

DIA UM

1.1

Ontem choveu no futuro.

Águas molharam meus pejos

Meus apetrechos de dormir

Meu vasilhame de comer.

Vogo no alto da enchente à imagem de uma rolha.

Minha canoa é leve como um selo.

Estas águas não têm lado de lá.

Daqui só enxergo a fronteira do céu.

(Um urubu fez precisão em mim?)

Estou anivelado com a copa das árvores .

Pacus comem frutas de carandá nos cachos.

1.2

Eu hei de nome Apuleio .

Esse cujo eu ganhei por sacramento.
 Os nomes já vêm com unha?
 Meu vulgo é SeoAdejunto - de dantes cabo-adjunto
 porservimentos em quartéis.
 Não tenho proporções para apuleios.
 Meu asno não é de ouro.
 Ninguém que tenha natureza de pessoa pode esconder
 as suas natências.
 Não fui fabricado de pé.
 Sou o passado obscuro destas águas?

I.3

Eu vim pra cá sem coleira, meu amo.
 Do meu destino eu mesmo desidero.
 Não uso alumínio na cara.
 Quando cheguei neste lugar -
 Só batelão e boi de sela trafegavam.
 Aqui só dava maxixo e capivara.
 Mosquito usava pua de 3/4 .
 Falo sem desagero.
 Desculpe a delicadeza.
 Meu olho tem aguamentos.
 (Fui urinado pelas ovelhas do Senhor?)

1.4

Insetos cegam meu sol.
 Há um azul em abuso de beleza.
 Lagarto curimpã se agarrou no meu remo.
 Os bichos tremem na popa.
 Aqui até cobra eremisa, usa touca, urina na fralda.
 Na frente do perigo bugio bebe gemada.
 Periquitos conversam baixo.

 Sou puxado por ventos e palavras.

(Palestrar com formigas é lindeiro da insânia?)

1.5

Eu sei das iluminações do ovo .

Não tremulam por mim os estandartes.

Não organizo rutilâncias

Nem venho de nobrementses .

Maior que o infinito é o incolor.

Eu sou meu estandarte pessoal.

Preciso do desperdício das palavras para conter-me.

O meu vazio é cheio de inerências.

Sou muito comum com pedras.

.....

(O que está longe de mim é preclaro ou escuro?)

1.6

Tenho o ombro a convite das garças.

.....

.....

(Tirei as tripas de uma palavra?)

.....

A chuva atravessou um pato pelo meio.

.....

Eu tenho faculdade pra dementes?

.....

A chuva deformou a cor das horas.

.....

A placidez já põe a mão nas águas

.

1.7

Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças.

Não assento aparelhos para escuta

E nem levanto ventos com alavanca.

(Minha boca me derrama?)

Desculpem-me a falta de ignoranças.

Não uso de brasonar.
Meu ser se abre como um lábio para moscas.
Não tenho competências pra morrer.
O alheamento do luar na água é maior do que
o meu.
O céu tem mais inseto do que eu?

SEGUNDO DIA

2.1

Não oblitero moscas com palavras.
Uma espécie de canto me ocasiona.
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu de gramáticas.
Só sei o nada aumentado .
Eu sou culpado de mim.
Vou nunca mais ter nascido em agosto.
No chão de minha voz tem um outono.
Sobre meu rosto vem dormir a noite.

2.2

Lugar sem comportamento é o coração.
Ando em vias de ser compartilhado.
Ajeito as nuvens no olho.
A luz das horas me desproporciona.
Sou qualquer coisa judiada de ventos.
Meu fanal e um poente com andorinhas.
Desenvolvo meu ser até encostar na pedra.
Repousa uma garoa sobre a noite.
Aceito no meu fado o escurecer.
No fim da treva uma coruja entrava.

2.3

Escuto a cor dos peixes.
 Essa vegetação de ventos me inclementa.
 (Propendo para estúrdio?)
 O escuro enfraquece meu olho.
 Ó solidão, opulência da alma!
 No ermo o silêncio encorpa-se.
 A noite me diminui.
 Agora biguás prediletam bagres.
 Confesso meus bestamentos.
 Tenho vanglória de niquices.

 (Dou necedade às palavras?)

2.4

Um besouro se agita no sangue do poente.
 Estou irresponsável de meu rumo.
 Me parece que a hora está mais cega.
 Um fim de mar colore os horizontes .
 Cheiroso som de asas vem do sul.
 Eis varado de abril um martim-pescador!
 (Sou pessoa aprovada para nadas?)
 Quero apalpar meu ego até gozar em mim.
 Ó açucenas arregaçadas.
 Estou só e socó.

2.5

Ando muito completo de vazios.
 Meu órgão de morrer me predomina.
 Estou sem eternidades.
 Não posso mais saber quando amanheço ontem.
 Está rengo de mim o amanhecer.
 Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
 Atrás do ocaso fervem os insetos.
 Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.

Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.

2.6

As sujidades deram cor em mim.
Estou deitado em compostura de águas.
Na posição de múmia me acomodo.
Não uso murrimentos de teatro.
Minha luta não é por frontispícios .
O desenho do céu me indetermina.
O viço de um jacinto me engalana.
O fim do dia aumenta meu desolo.
Às vezes passo por desfolhamentos.
Vou desmorrer de pedra como um frade.

2.7

O ocaso me ampliou para formiga.
Aqui no ermo estrela bota ovo.
Melhoro com meu olho o formato de um peixe.
Uma ave me aprende para inútil.
A luz de um vagalume se reslumbra.
Quero apalpar o som das violetas.
Ajeito os ombros para entardecer.
Vou encher de intumências meu deserto.
Sou melhor preparado para osga.
O infinito do escuro me perena.

TERCEIRO DIA

3.1

Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Inclino a fala para uma oração .
Tem um cheiro de malva esta manhã.

Hão de nascer tomilhos em meus sinos.
(Existe um tom de mim no anteceder?)
Não tenho mecanismos para santo .
Palavra que eu uso me inclui nela.
Este horizonte usa um tom de paz.
Aqui a aranha não denigre o orvalho.

3.2

Espremida de garças vai a tarde.
O dia está celeste de garrinchas.
A cor de uma esperança me garrincha.
Engastado em meu verbo está seu ninho.
O ninho está febril de epifanias.
(Com a minha fala desnaturado os pássaros?).
Um tordo atrasa o amanhecer em mim.
Quero haver a umidez de uma fala de rã.
Quero enxergar as coisas sem feitio.
Minha voz inaugura os sussurros.

3.3

Este ermo não tem nem cachorro de noite.
É tudo tão repleto de nadeiras.
Só escuto as paisagens há mil anos.
Chegam aromas de amanhã em mim.
Só penso coisas com efeitos de antes.
Nas minhas memórias enterradas
Vão achar muitas conchas ressoando. . .
Seria o areal de um mar extinto
Este lugar onde se encostam cágados?
Deste lado de mim parou o limo
E de outro lado uma andorinha benta.
Eu sou beato nesse passarinho.

3.4

O azul me descortina para o dia.

Durmo na beira da cor.

Vejo um ovo de anu atrás do outono.

.....

(Eu tenho amanhecimentos precoces?)

.....

Cresce destroço em minhas aparências.

Nesse destroço finco uma açucena.

(É um cágado que empurra estas distâncias?)

A chuva se engalana em arco-íris.

Não sei mais calcular a cor das horas.

As coisas me ampliaram para menos.

3.5

A lua faz silêncio para os pássaros,

- eu escuto esse escândalo!

Um perfume vermelho me pensou.

(Eu contamina a luz do anoitecer?)

Esses vazios me restritam mais.

Alguns pedaços de mim já são desterro.

.....

(É a sensatez que aumenta os absurdos?)

De noite bebo água de merenda.

Me mantimento de ventos.

Descomo sem opulências. . .

Desculpe a delicadeza.

3.6

Nuvens me cruzam de arribação.

Tenho uma dor de concha extraviada.

Uma dor de pedaços que não voltam.

Eu sou muitas pessoas destroçadas.

.....

.....

Diviso ao longe um ombro de barranco.
E encolhidos na areia uns jaburus.
Chego mais perto e estremeço de espírito.
Enxergo a Aldeia dos Guanás.
Imbico numa lata enferrujada.
Um sabiá me aleluia.
Fim.